

Corpolítico: narrativas corpo-vocais em projeção - relato de laboratório criativo remoto

Luciana Leandro de Lucenaⁱ

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Rio de Janeiro/RJ, Brasilⁱⁱ

Resumo - Corpolítico: narrativas corpo-vocais em projeção - relato de laboratório criativo remoto

O presente relato aborda uma experiência de performance laboratorial com foto-projeção em plataforma digital como alternativa de continuidade para processos criativos em tempos de isolamento. O processo convocou saberes ancestrais dos povos guarani através da escuta ativa e da afinação do corpo-vocal numa prática que fricciona afeto e política como aposta de subjetivação ativa contra o processo de hegemonização sobre os corpos num sistema cafetinado (Rolnik, 2018). A opção pela ontologia ameríndia aqui suscitada faz parte de uma escolha epistemológica numa direção decolonial que aposta nos saberes de uma oralidade ancestral referenciada a partir de seleção bibliográfica, reforçando meu intuito como pesquisadora e artista, que é perceber e atuar nas artes da cena a partir do descolamento dos saberes e do fazer de referência exclusivamente ocidental.

Palavras-chave: Narrativas Corpo-Vocais. Decolonialidade. Corpolítico. Subjetivação Ativa. Afetos.

Abstract - Corpolitical: body-vocal narratives in projection - report from a remote creative laboratory

This report shares the experience of photo projection performance in digital medium as an alternative for continuity in creative processes during lockdown. The practice uses ancient knowledge from the Guarani people such as active listening and body-voice fine tuning. It provokes friction between affection and politics as a bet on active subjectification against the process of hegemony over bodies in a pimp system (Rolnik 2018). The option for an indigenous-american ontology is part of an epistemological choice aiming towards decolonisation. The usage of ancestral orality knowledge, referenced by bibliographic selection, reinforces my desire as researcher and artist: to act in the scenic arts decoupled from experiences and knowledge that are exclusively occidental.

Keywords: Body-vocal narratives. Decoloniality. Corpolitical. Active Subjetivation. Affections.

Resumen - Cuerpolítico: narrativas cuerpo-vocales en proyección - informe de un laboratorio creativo remoto

Este informe aborda relata la experiencia de performance en laboratorio con la fotoproyección en plataforma digital como alternativa de continuidad para los procesos creativos en tiempos de aislamiento. Convoca conocimientos ancestrales de los pueblos Guaraníes a través de la escucha activa y la sintonía del cuerpo-vocal en una práctica que fricciona el afecto y la política como apuesta de subjetivación activa contra el proceso de hegemonización sobre los cuerpos en un *sistema proxetena* según (Rolnik,2018). La opción por la ontología ameríndia acá planteada es parte de una elección epistemológica en la dirección decolonial que apuesta en el conocimiento de una oralidad ancestral referenciada desde la sesión bibliográfica, reforzando mi intención como investigadora y artista, que es percibir y actuar en las artes desde el desapego del conocimiento e de las practicas de referencia exclusivamente occidental.

Palabras clave: Narrativas cuerpo-vocales. Decolonialidad. Cuerpolítico. Subjetivación Activa. Afectos.

Começando a Conversa

Em tempos de crise sanitária, política, econômica e cultural em que recalques reacionários têm minado, ainda mais, as possibilidades de vida digna dos menos favorecidos e as classes mais privilegiadas seguem na busca por se equilibrar na frágil ideia de um *status* de bem-viver, abundam os afetos negativos e uma profusão de vozes que se fazem ecoar pelos suportes digitais. *Lives* aos montes, influenciadores com seus canais milionários, *haters*... Corpo-vozes que apelam efusivamente nas telas e pouco conseguimos escutá-los ou percebê-los, senão como uma sentença vociferante de que ainda estamos vivos. Neste contexto de desencantos, tomo da ideia de micropolítica ativa, trazida por (Rolnik, 2018), como alternativa para que os corpos-vozes, cafetinados pelo sistema colonial capitalístico, possam transmutar-se numa proposta de reterritorialização nos espaços (sejam presenciais ou digitais). Em *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada* (2018), a pesquisadora sugere a descolonização do inconsciente, bem como a prática de uma micropolítica ativa em processos coletivos de subjetivação como alternativa de insurgência ao inconsciente-colonial-capitalístico. Para este processo de subjetivação ativa -da política nos/dos corpos - convocamos os afetos que nos atravessam e propomos friccioná-los com saberes ancestrais, através da escuta ativa e da afinação do corpo-voz. Buscamos relacionar ecosaberes aos encontros possíveis através dos meios digitais que os processos criativos nos permitem, no específico contexto do isolamento, performando corpos e palavras.

Os momentos mais importantes ou solenes para os guarani¹ estão calcados na palavra-alma. Assim, a concepção, o nascimento, a velhice, a morte, bem como o ato de nomear-se, são atravessados pelo entendimento de gestação da palavra na escuta. Como explica (Chamorro, 2008, p. 193) em sua investigação sobre o fundamento da palavra para a cultura guarani, “...nos grupos chamados guarani, as pessoas são capazes de compreender toda a sua vida como

¹ Segundo (Borges, 1999, p. 21) o termo genérico guarani “refere-se a uma diversidade de aldeamentos que se espalham pela América do Sul (Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai), com denominações e etnodenominações específicas. Dentre os guarani, encontram-se por exemplo, os Nhandeva (sul do Mato Grosso do Sul), os Mbyá, os Kaiwá (sul e centro do Mato Grosso do Sul), os Chiriguano. A língua guarani, um membro da família linguística Tupi-Guarani, do Tronco Tupi, conta no Brasil, com falantes espalhados por estados do Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Os povos Guarani aparentados linguística e culturalmente com os povos tupi, razão pela qual ambos se encontram reunidos na mesma família linguística, compartilham com os tupi, no que se refere à fundação mítica e aos princípios de organização social, de vários pontos em comum”.

experiências de palavras”. Deste modo, a palavra sustenta toda uma estrutura social, num diálogo entre instâncias materiais e imateriais.

Esta reflexão surge da pesquisa sobre a criação de narrativas corpóreo-vocais enquanto formas de subjetivação ativa no atual contexto de crise político-econômico-sanitário mundial e pretende ressignificar os suportes digitais enquanto espaço de criação possível contra o mal-estar que afeta os corpos. Diálogo com o pensamento da arte como âmbito de insurreição contra a cafetinagem de um sistema hegemônico opressor, seguindo os ensinamentos de (Rolnik, 2018) para quem nossas práticas, palavras e ações podem agir como ressonâncias dos afetos das forças do presente contra a asfixia própria a um contexto de desencantos. Tomo também como referência a tradição ancestral guarani de afinação dos corpos a partir das vogais como prática em que me inspiro, seguindo leituras e conhecimentos do autor e ambientalista Kaka Werá Jecupé (2020, pp. 35-36) para a experiência do laboratório *Corpolítico - Narrativas corpo-vocais em projeção*, realizado em parceria com o fotógrafo Junior Franco². A partir destes atravessamentos, busco tecer uma escrita que enseje perceber o acontecimento poético e político da narrativa performativa proposta entre imagens, vozes e silêncios num contexto de reterritorialização dos saberes nos corpos-vozes.

Necessário antes uma breve conceituação sobre a ideia de corpo-voz, aqui abordada, e perseguida na prática proposta. Como já mencionado anteriormente, um dos intentos primeiros da minha pesquisa que engendra este laboratório, é sugerir ações que facilitem a percepção de nossos corpos fora de um padrão colonizado, numa busca por narrativas amparadas em saberes que transgridam os atos de modelização de corpos perpetrados pela máquina colonial, ao longo dos séculos. Neste sentido, há uma necessária busca pelos saberes ameríndios, no esteio desta pesquisa, em sua elaboração conceitual de criações narrativas corpo-vocais, uma vez que a tradição oral destes povos originários está amparada numa discursividade cosmogônica fundadora. Os mitos ameríndios rompem com as dualidades instituídas pela racionalidade ocidental em que corpo e voz representam instâncias tão distintas quanto antagônicas, assim como vida e morte, claro e escuro, eu e o outro etc. A mítica guarani funda saberes que constrói o comportamento social, assim, por exemplo, a palavra e o corpo estão numa relação de intimidade indissociável. Segundo Borges (1999, p.

² Junior Franco é fotógrafo, carioca, pós-graduado em Artes Visuais com ênfase em Fotografia Experimental pela Cândido Mendes e integra a coleção Joaquim Paiva de fotografia brasileira contemporânea, incorporada ao acervo do MAM-RJ. Idealizador do projeto Body Projection @bodyprojection.br

207), “de acordo com o modo mbyá de conceber o mundo, é possível dizer que a história e a discursividade mbyá são realizáveis, ou seja, fazem e produzem sentido, na medida em que se encontram presentificados nos mitopoemas”. Há, assim, o corpo na palavra e a palavra no corpo, híbridos e indissociados como o corpo-vocal, que utilizo composto por dois substantivos unidos pelo hífen, na proposta pela composição destas duas instâncias de existência-percepção-criação.

Da mesma forma, a noção de silêncio na cultura guarani não é dual. A palavra dialoga com o silêncio fundador. Ainda em Borges:

A noção de silêncio fundador coloca em cena um recorte teórico pelo qual o silêncio não é um vazio, o que falta, mas a condição mesma de significação. Daí, com base no estatuto fundador do silêncio, pode-se dizer que o não dizer não apenas faz sentido, como faz um sentido determinado. O não dizer faz sentido (é sempre sentido) porque além de ser sustentado por este silêncio fundador, pertence à ordem do discurso e, como tal, inscreve-se no processo histórico-social no qual os sentidos (e seus efeitos) se produzem (Borges, 1999, p. 104).

Desta forma, o respaldo na ancestralidade guarani conduz, nesta minha investigação, o processo de contra-colonialidade de saberes e fazeres que o mestre Antônio Bispo dos Santos (2015, p. 19) conclama como possibilidade de uma convivência mais harmoniosa entre os diversos povos e sua confluência de interlocução. O interesse por esta ancestralidade invisibilizada por um processo colonizatório se inscreve numa abordagem artística decolonial que nos convida a “desaprender” padrões epistemológicos, buscando nossas referências de conhecimento.

No mais, sou brasileira, mestiça, filha, portanto, de um processo de apagamento e desconhecimento das próprias origens. Me valer de uma pesquisa bibliográfica amparada nos saberes ameríndios é, também, uma tentativa por desvendar o véu de minha própria identidade.

Pequenas narrativas de corpo-voz em projeção.

O laboratório *Corpolítico: Narrativas corpo-vocais em projeção* foi pensado como uma alternativa de continuidade na parceria artística de um projeto já existente, em contexto anterior à pandemia. No ambiente digital, elaboramos algumas propostas de breves narrativas para a criação em corpo-voz a partir de foto-projeções, já realizadas presencialmente³, e montadas em pequenas pílulas-manifesto, juntamente com breve discurso de narrativa política convocatória para atos contrários ao atual governo, sendo estes conteúdos lançados em redes sociais⁴.

O atual laboratório parte da busca pela interação entre corpos, imagens e vocalidades, em dinâmicas possíveis no isolamento da pandemia/covid-19. A apropriação de recursos digitais, juntamente com a técnica da projeção mediante projetor digital, possibilitou a prática. Embora não tendo sido aberto ao público, o laboratório possui algumas imagens disponíveis neste relato, e, recentemente, tenho comunicado seu programa artístico-pedagógico em congressos e seminários de pesquisa⁵, acreditando em seu potencial como ferramenta criativa e relacional em processos remotos.

Como já mencionado, a concepção do laboratório, que se realizou remotamente, ocorreu por uma necessidade de continuar o fazer artístico e a pesquisa em vias de confinamento. Pessoalmente sempre tive medos e dificuldades com aparatos tecnológicos. Neste sentido, a resignificação de um meio tecnológico (no caso as plataformas digitais) se apresentou como um facilitador do acontecimento cênico, rompendo barreiras espaciais, temporais e mesmo travas psicológicas.

A prática foi pensada em dois momentos: 1. Afinação do corpo-voz; 2. Encontros em projeções.

Antes, entretanto, de compartilhar esta experiência, gostaria de tratar do conceito aqui utilizado de *corpolítico*. Conceituar é criar mundos, iniciar diálogos, abrir possibilidades. A linguagem está aí em todas as acepções que o termo carrega, da comunicação às relações

³ No ano de 2019, em parceria com o fotógrafo Junior Franco, foram realizados ensaios com foto-projeção a partir do projeto Body Projection (2017).

⁴ Conteúdo publicado por meios digitais (Instagram, IGTV, Facebook) em campanhas digitais listadas por #forabolsonaro,#29M, #elenao, etc.

⁵ A proposta do Laboratório foi apresentada nos Congressos 7EIA (7º Congresso de Arte e Educação/Cabo Verde (31/06/2021 e 31/07/2021); CIAEPE2021 (Congresso Internacional de Artes e Educação e Pósdigitalidade de Sevilla) - 01 a 03/12/2021); Seminário de Pesquisa do Grupo de Pesquisa Clipes do IHAC/UFBA.

poéticas. E a proposta de pensar o *corpólítico* e trazer este conceito é friccioná-lo de forma relacional nas criações corpo-vocais artísticas que entendo necessariamente políticas porque sociais.

Quando falo *corpólítico* busco trazer um conceito híbrido, que não é corpo, não é política, não é a unidade deste corpo com a política ou vice-versa, mas sim a possibilidade do encontro entre ambos. Um lugar de fricção de saberes e percepções plurais.

Falar deste conceito híbrido é construir um pensar em bases corpóreas, que não está fechado em si, sendo corpo em ação, em proposição, atravessamentos e (r)existência. Assim se constroem as línguas, as tribos, as bolhas, assim é possível aquilombar-se, assim pode-se ser ou deixar de ser. Propor o conceito do *corpólítico* é buscar uma articulação do fazer-saber, um pacto com o devir de um processo contínuo de decolonialidade e afirmar nosso corpo-voz silenciado ao longo de séculos de apagamento.

Nomear, a partir da tradição dos povos originários, tem o poder de proteger ou destruir. Tem o poder de criar mundos. Nas palavras de Jecupé (2020, p. 16)⁶: “O poder de uma palavra na boca é o mesmo de uma flecha no arco [...]”. Trabalhar as potências de um conceito é tê-lo como diálogo possível na afirmação de subjetividades nascidas dos afetos que nos atravessam. Um conceito que crie mundos a partir do agenciamento coletivo de enunciação corpórea em suas percepções e potencialidades é uma forma de resistir.

Assim, o primeiro momento do laboratório - a afinação - bebe na sabedoria ancestral dos povos guarani, de que nos fala Jecupé (2020, p. 3), e que entendem o corpo como um instrumento que precisa ser afinado para transmitir a sabedoria da alma, o *ayvu*. Como nos conta este autor, indígena, que divulga em seus trabalhos e contações as tradições de seu povo, para os Tupuguaçu - de onde descendem os povos Tupinambá e Tupy-guarani - o espírito está para a música (fala sagrada, *ñe'ẽ -porã*), assim como o corpo está para uma flauta (*u'mbaú*), que deve estar afinada para expressar o *avá* (ser-luz-som-música) que tem morada no coração. E a proposta desta afinação se dá através da vibração dos sete *angá-mirins* no corpo físico, que transmitem o *ayvu*.

⁶ Kaka Werá Jecupé é escritor, antropólogo e ativista ambiental. Em sua obra *Terra dos Mil povos: história indígena brasileira contada por um índio* (2020) fala sobre seu processo de reapropriação de sua ancestralidade junto à tradição guarani, perdida no processo de colonialidade porque passou ao longo de sua educação formal, com currículos escolares que desconsideram e invisibilizam saberes não hegemônicos.

Então, neste momento inicial, a proposta era escrevermos as sete vogais em pedaços de papel e as sortearmos. As vogais escolhidas aleatoriamente faziam vibrar e afinar nossos corpos projetados em encontro virtual na tela do Zoom. O projetor digital situado na sala do meu parceiro de ação projetava minha imagem na parede de sua sala; por sua vez, a imagem dos nossos corpos era filmada pela plataforma onde gravamos a performance e, posteriormente, extraímos as fotos a partir da filmagem realizada pelo próprio Zoom. A captura das imagens deu-se a partir do *Adobe Premiere Rush*, um aplicativo utilizado para a edição de fotos e vídeos que nos permite a configuração da captura de frames por segundo. Ele sorteou a *angá mirim*⁷ A, que se localiza no coração e simboliza o encontro entre os meios externo e interno, sem um elemento da natureza correspondente. Minha *angá mirim* foi a U, localizada na altura do umbigo, simbolizando o movimento e representando o elemento água. Com o auxílio do violão, eu o convidava a vocalizar. Ele, como fotógrafo, é um artista da imagem, então, com a fricção deste encontro, meu chamado era para uma projeção vibrátil e imagética dos nossos corpos-vozes. Sem querer interferir na sua trajetória de modo incisivo, apenas peço para que ele observe seu corpo-voz como um ressonador em sua totalidade. Diferentemente dos laboratórios realizados sem o aparato da tela e da imagem em projeção, tínhamos de lidar com um espaço previamente demarcado com fita crepe (como se faz na cena presencial) que se apresentava então extremamente reduzido, muitas vezes, contrapondo-se à necessidade de expansão que o movimento sugerido pelo *angá mirim* nos propunha. Se por um lado, esta proposta da afinação a partir das vogais, apresenta a possibilidade do diálogo com emoções em fluxo a percorrer e animar o corpo-voz, por outro, a realização da mesma, sob este formato, amplia a consciência do fluxo-corpo-voz-espço, numa dinâmica porosa e contínua.

Esta afinação é um chamado para que o corpo-voz se disponha e se proponha à ação, coloque-se em jogo, em risco. Dialogando com o pensamento de Rolnik (2018), temos que há

⁷ Jecupé (2020, pp. 33-34) explica o que venha a ser *angá mirim* para os guarani: “Compreendendo o ser um *tu-py*, um som-de-pé, os antigos afinavam o espírito a partir dos tons essenciais do ser, tons que participam de todos os seres. Os tons essenciais que formam o espírito são o que a civilização reconhece como “vogal”. Cada vogal vibra numa nota do espírito que os ancestrais chamavam de *angá mirim*, que comportava o *ayvu*, estruturando o corpo físico. São sete tons, e quatro deles referem-se aos elementos terra, água, fogo e ar, coordenando a parte física, emocional, sentimental e psíquica do ser. E três desses sons referem-se à parte espiritual do ser. Eis os tons *y* (uma espécie de “u” pronunciado guturalmente), *u* (vibrando da mesma maneira que o “u” da língua portuguesa), *o*, *a*, *e*, *i* (vibrando da mesma maneira que na língua portuguesa) e, por último, o som “insonoro”, que não se pronuncia, mas que, na antiga língua abanhaenga, mãe da prototupi, se pronunciava unindo aproximadamente os sons mudos de *mb*, gerando palavras como *Mbaekuaa*, *Mboray* (“sabedoria” e “amor”, respectivamente).

uma bússola ética do desejo, cuja agulha aponta na direção da vida e da insistência em persistir, perseverar nos projetos pessoais, coletivos, no sentido da criação e do acontecimento, apesar da situação política circundante que cafetina as existências, pendendo a uma apropriação indevida destas forças criadoras. Assim, a ideia de afinar o corpo-vocal é deixar que o *corpólítico* espacialize-se, abra frestas e/ou poetize-se a partir da realidade circundante. A afinação engatilha este *corpólítico* ao movimento criativo. Rolnik (2018), ao discorrer sobre formas de insurreição, propõe que:

É preciso resistir no próprio campo da política de produção da subjetividade e do desejo dominante no regime na sua versão contemporânea - isto é, dominante em nós mesmos -, o que não cai do céu, nem se encontra pronto em alguma terra prometida. Ao contrário, este é um território que tem de ser incansavelmente conquistado e construído em cada existência humana que compõe uma sociedade, o que intrinsecamente inclui seu universo relacional (Rolnik, 2018, p. 36).

Então, a proposta da afinação pela vocalização é a convocação para que nosso *corpólítico* se materialize por meio de seus afetos e de uma corporeidade vocal, perseguindo um movimento criativo que acreditamos tratar-se de uma forma de reapropriação da potência vital embaçada pelo que Rolnik (2018) compreende como o inconsciente colonial capitalístico. Através da capacidade pessoal-sensorial-sentimental-cognitiva ela acredita sermos capazes de engendrar modos de existência articulados a partir dos saberes-do-corpo, confrontando a versão de nossas existências de que se vale o modo de produção capitalista ao assenhorar-se de uma política do desejo.

É nisso que reside o veneno da micropolítica imanente à cultura moderna ocidental colonial-capitalística. Seus efeitos tóxicos são a separação da subjetividade de sua força pulsional de germinação: estanca-se a potência desejante de criação de mundos nos quais se dissolveriam os elementos da cartografia do presente em que a vida se encontra asfixiada (Rolnik, 2018, p. 76).

É apostando no que Rolnik (2018) entende como uma bússola ética dos nossos desejos que desenhamos a ideia deste laboratório, em especial deste momento da Afinação, enquanto um disparador do percurso criativo do acontecimento *corpólítico*. A partir desta bússola que pende à manutenção da vida, o convite do corpo-voz à ação é uma possibilidade de reapropriação de sua potência, e, conseqüentemente, de driblar aos efeitos do inconsciente colonial-capitalístico. Trago a seguir um breve comentário do meu amigo e parceiro neste processo, o fotógrafo Júnior Franco:

A sensação que eu tive quando a Luciana me chamou para continuarmos nosso trabalho, mesmo à distância, foi de uma surpresa muito feliz. Porque o isolamento continuava, a gente não teria condição de estar em contato nem tão cedo, no entanto, a inquietação por criar é contínua. Nós já havíamos tentado alguns editais este ano, publicamos em redes sociais trabalhos antigos, mas a pulsação criativa permanece. Então o laboratório foi este lugar de reinvenção e de redescoberta porque tinha um apelo muito sutil para que a voz estivesse ali no corpo, nas imagens que estavam acontecendo na tela e isto para mim é um lugar que eu não visito com frequência⁸.

Vale destacar que o nome Afinação foi mantido em conformidade à referência utilizada por Jecupé (2020), não se tratando aqui de uma tentativa por tecer relações com os processos de afinação vocal dos estudos de canto musical das escolas ocidentais que se guiam pela ideia de “reprodução de alturas de notas isoladas” (Moreti; Pereira; Gielow, 2011, p. 01). Vale lembrar que nas sociedades de discursivização oral, como os guarani mbyá, a afinação pode ser entendida a partir do conceito da palavra-alma⁹. Esta referência remete a um equilíbrio intrínseco entre corpo e espírito. Espírito aqui compreendido a partir da cosmogonia mbyá, inspirada na ideia do regresso à Terra sem Males, lugar onde perdura toda a abundância e divindade. Embora esta cosmovisão possa ser compreendida a partir de uma dualidade apocalíptica, o equilíbrio entre corpo e espírito acontece a partir dos ritos que friccionam estas duas instâncias¹⁰.

Nossa experiência seguiu-se, ainda neste momento da Afinação, com a experimentação de outras *angá mirins* no encontro de nossos corpos-vozes espacializados. Vale destacar que cada vogal é um chamamento específico com suas vibrações e lugares de reverberação e ressonâncias no corpo e no espaço.

Partindo da compreensão de que os processos de criação em narrativas corpóreo-vocais para a cena são orgânicos - aí implicados todos os seus recursos sensíveis e afetivos, neste experimento, procurei instigar no meu parceiro de criação o desafio da palavra a partir do silêncio das imagens que nossos corpos projetavam; A partir do lugar habitual de criação em composições estáticas para fotos que ele frequenta enquanto fotógrafo que também

⁸ Entrevista com Júnior Franco realizada pela autora por videoconferência em 01 de julho de 2021.

⁹ Chamorro (2008, p. 58), explicando a tradução do termo *ñe'ẽ* do guarani para o português e sua relação entre mito, religiosidade e cultura, dispõe que: “...alma e palavra podem adjetivar-se mutuamente, podendo-se falar em palavra-alma ou alma-palavra, sendo a alma não uma parte, mas a vida como um todo”.

¹⁰ Borges (1999, p. 271) explica que “o sujeito mbyá vê-se compelido a mover-se dialeticamente entre as duas antinomias (céu/terra; indivíduo/sociedade), a partir das quais, estando preso entre dois mundos de interesses antagônicos, opera uma síntese que á a sua própria condição histórica de existência. Assim, se a sociedade guarani mbyá finca-se na realidade mundana, que por sua vez, impede a migração em busca da Terra Sem Males, o indivíduo mbyá, nega-se a buscar a realidade da dimensão divina. E assim, se seus pés estão presos ao chão e é preciso dançar/cantar para os libertar, seus olhos e sua fala dirigem-se para os deuses”.

modela, trouxemos a energia do corpo isolado e solitário durante a pandemia para que contasse, cenicamente, seus atravessamentos e clausuras. Antes de iniciarmos o processo de afinação com a vibração das *angá mirins*, apenas lhe sugeri que trouxesse para a ação seu corpo-voz cotidiano e que percebesse sua expansão a partir dos movimentos de ressonância que a afinação poderia lhe proporcionar. Eu não estava ocupando um lugar de condutora do processo, mas lançando convites a partir da movimentação dos nossos corpos-vozes no espaço (que se encontravam em som e imagem projetadas).

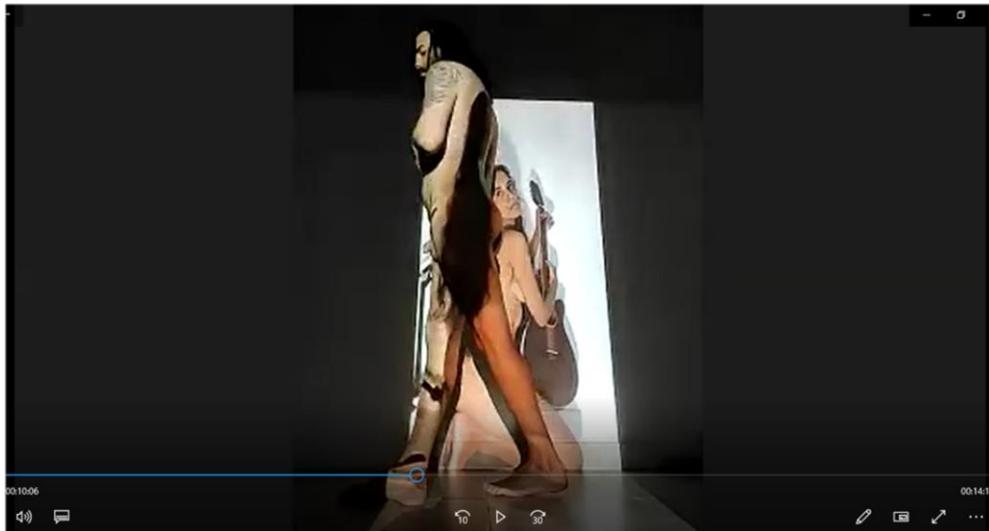


Figura 01: Afinação/imagem capturada pela tela do computador, expondo a barra de ferramentas do notebook utilizado para a filmagem do vídeo gravado na plataforma Zoom. Em primeiro plano: Junior Franco; Em imagem projetada: Luciana Lucena.



Figura 02: sorteio das *angá-mirins*/ imagem capturada pela tela do computador a partir da tecla PrntScr em filmagem do vídeo gravado na plataforma Zoom. Em primeiro plano: Junior Franco; Em imagem projetada: Luciana Lucena.

O momento a seguir é a busca por uma breve composição de formas corpóreas friccionadas a partir do encontro criado por suas imagens projetadas e atravessadas pela escuta da proposta sonora sugerida por vinheta composta por mim durante processo prévio de pesquisa nas redes digitais. Os áudios extraídos no mesmo dia, zapeando o IGTV, aleatoriamente num dia qualquer, em junho/2021. Posteriormente estes áudios foram editados numa mesma vinheta sonora que foi rodada neste momento do processo. Seguem fragmentos transcritos do áudio:

“Ele é o amor da minha vida. Eu sou o amor da vida dele”
 [...]
 “Muitas perguntas...sobre as crianças serem bilingues aqui em casa, né? O Jack e o Noah... Eu recebo esta pergunta pelo menos uma vez por semana”
 [...]
 “som de teclas”
 “Oi, gente! Oi, gente! To esperando...Oi, todo mundo...”
 [...]
 “Boa noite! Tem alguém aí? Estamos ao vivo, diretamente!! Ao vivo e a cores!”
 [...]
 “Orem muito, pois a pandemia cresce desenfreada”.
 [...]
 “A live que a gente vai fazer aqui é sobre a *cannabis medicinal*”

O áudio apresentado em forma de vinheta sonora não pretendia ser dramatizado, mas a ideia era que afetasse os corpos em ação. Eu conhecia o conteúdo sonoro, portanto, para mim não se tratava de novidade, mas de proposta-convite ao meu parceiro, cuja imagem compunha um acontecimento espaço-sonoro-performativo.

As formas corpóreas propostas a partir do encontro das nossas projeções transcorriam do percurso desta escuta ativa e engendravam figuras corpo-vocais projetadas que naquele momento se movimentavam no espaço cênico delimitado pelo desenho de luz e fitas crepe. Nossa breve narrativa se compunha de pequenos silêncios, mas, principalmente, de uma escuta que nos remetia aos dias de isolamento na solidão polifônica de vozes que se projetam na perspectiva de alternativas aos tempos apocalípticos que nos circundam. Mas aqui devo abrir um parêntese, afinal, esta perspectiva apocalíptica que tem grande ressonância na cultura ocidental, também não passa ao largo da cultura guarani: Como nos relata Meliá (1990), a busca pela Terra sem Males, que seria a terra perfeita, funda-se na ideia de que:

A terra está sustentada sobre um ponto de apoio que a qualquer momento pode cambalear-se e cair. Fragilidade e instabilidade ameaçam continuamente o universo guarani. A destruição está sempre no horizonte (Meliá, 1990, p. 07).

A avaliação que eles tecem sobre o tempo atual diz respeito a uma era-morte como sendo uma espécie de crítica ao modo de vida dos brancos. No entanto, o que poderia aparentar um dualismo fatalista a partir de uma análise precipitada, revela outra perspectiva:

O descontentamento com este mundo está presente, sim, em muitos discursos que chamam a comunidade para partir rumo à “terra sem males”. Neles, porém, ecoam a dimensão cosmológica da soteriologia indígena, tanto no sentido da busca de uma terra firme sob os pés como no de uma projeção dessa esperança para o além (Chamorro, 2008, p. 2017).

Esta metafísica apocalíptica tem a inspiração no mundo perfeito e o corpo fincado em terra firme, através de uma corporeidade mítico-ritualística. Para os guarani-mbyá o mundo não acaba verdadeiramente: a terra se acaba para voltar mais fortalecida, afinal, na sua narrativa mítica, a terra já está na sua quarta versão¹¹. Ou ainda, para citarmos Krenak (2019), falar de fim de mundo é algo bastante relativo. Para povos livres (na mais ampla acepção da palavra) que receberam a visita de europeus ao aportaram numa praia tropical com seu rastro de morte, o fim do mundo aconteceu no século XVI. Para uma parte do mundo que ainda não pode decolonizar-se e tece percepções a partir de um corpo dessensibilizado pelo desejo adestrado pelo colonizador, acontece o assombro apocalíptico: um mal-estar capaz de paralisar os corpos.

Contra esta estagnação da energia vital, cafetinada pelos desejos, apostamos em ações encarnadas a partir de poéticas que atuam numa desobediência a esta colonialidade.

E sobre este processo contínuo de enfrentamento decolonial, gostaria de destacar, ainda, outro aspecto que considero importante sobre o laboratório, que é a opção de atuarmos projetando a nossa nudez. “A arquitetura do corpo é política”, como afirma o filósofo Preciado (2014, p. 31). Percebendo o corpo como nossa maior potência criativa, em signos e subjetividades, este experimento idealizado a partir da nudez, dialoga com a necessidade de enfrentamento a uma normatividade colonizadora que vestiu nossos corpos, tentando apagar nossos rastros e silenciar nossas vozes no entendimento de seu processo civilizatório. Processo este que associou a nudez exclusivamente à sexualidade, criando sobre ela padrões de consumo e, portanto, de controle sobre o poder.

¹¹ Narrativa do pós fim de mundo sob a perspectiva xamânica dos guarani-mbyá: A primeira terra não era forte. Por isso, ele (Nhanderu) a destruiu. E deitou novamente uma segunda. Porque já destruiu três vezes a terra [...] A primeira terra, depois que ele destruiu, deitou outra. E então destruiu de novo, até fazer essa de agora. Essa é a quarta terra. [...] Essa terra é mais forte! [Por isso] esse mundo não acaba. Só vai limpar. Nhanderu vai limpar, toda terra ruim. Esta terra ruim” (Pierri, 2013, pp. 256-257).

Lembro que estamos tratando a exposição de um corpo-voz em sua nudez, o que não se trata de uma banalidade, mas de uma opção simbólica pretendida enquanto armadura de enfrentamento num processo artístico-político contínuo de retomada epistemológica. Projetar a nudez, nesta prática, é uma opção de resistência frente a perspectivas que buscam extrair do corpo sua potência vital criadora. A associação entre nudez e ação do corpo-voz num contexto de decolonialidade pode não saltar aos olhos num primeiro momento. Investigar esta relação é um dos objetivos da minha pesquisa, no bojo da qual nasce esta prática. Criar a partir da nudez é uma busca por atuar na organicidade do corpo-voz, despindo-o, não apenas das roupas que carrega, mas do aparato conceitual que o paralisa numa hegemonia asfixiante.

Ao trabalhar sons guturais, por exemplo, não é inusual que atores e/ou estudantes¹² tenham dificuldades ou estranhamento nesta emissão, uma vez que perdemos contato com a língua guarani em que esta sonoridade é habitual na vogal *y*, por exemplo. Da mesma forma, não raro, o ator e/ou estudante se desconcerta com o silêncio ou com a exposição à nudez. Pude perceber que no momento em que só havia meu corpo - ausente de outros corpos, pelo isolamento imposto por uma crise mundial - foi preciso comprimi-lo para dilatá-lo em espaços pequenos e possíveis. E este corpo só pôde acontecer, num processo criativo, ao acessar lugares de (re)conhecimento. Precisou despir-se para se encontrar e se reencontrar em outros espaços, com outras pessoas, em outros tempos e reinventar outras narrativas, reconhecendo outras-próprias vocalidades. E não posso, nem pretendo, afirmar que isso seja teatro, mas está prenhe de uma teatralidade pulsante, gritante e silente.

Posteriormente a este laboratório, tenho experienciado o momento da Afinação com os *angá mirim*, em processos de preparação de atores, gravação de áudios-livros e mesmo em grupos de pesquisa de que faço parte, e, penso tratar-se uma ferramenta potente, seja em processos artísticos ou pedagógicos, nas plataformas digitais em que tem sido necessário convocarmos nossa potência vital à ação criativa, da *corpólítica*.

¹² Teço estas observações a partir de minha prática como atriz-profissional ou pesquisadora docente em práticas recentes (estágio docente/UNIRIO - Turmas de Bacharelado em Atuação Cênica/2019).



Figura 03: Encontros em Projeções/ projeção capturada pelo Adobe Premiere Rush a partir do vídeo gravado pela plataforma Zoom. Em primeiro plano: Junior Franco; Em imagem projetada: Luciana Lucena.

Como na tradição Guarani toda palavra tem alma e toda alma precisa encontrar sua palavra, a doença e os processos em desequilíbrio acontecem exatamente pela separação destes dois entes. As palavras necessitam de um tempo próprio para germinar e, para vingar, precisam ser muito bem gestadas na garganta. Talvez, esta compreensão seja lastro para tornarmos nossas ações campos de forças no sentido de potencializar nossos corpos em prol de um imaginário livre do desejo cafetinado de um sistema colonizado; talvez esta percepção seja mais uma proposta transgressora no sentido do fazer-saber que compreende as distopias, mas propõe heterotopias para o pós fim-do-mundo como uma palavra-alma que abrisse suas asas, e, nascendo do ninho-garganta alcance um voo alto, refletindo nossos próprios abismos e infinitos.

Referências

- BORGES, Luiz Carlos. *A fala instituinte do discurso mítico Guarani*. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, 1999.
- CHAMORRO, Graciela. *Terra madura, Yvy araguayje: fundamento da palavra guarani*. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.
- JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 2020.
- JECUPÉ, Kaka Werá. *Tupã Tenondé: A criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani*. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MELIÁ, Bartolomeu. *A Terra Sem Males dos Guarani: Economia e Profecia*. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 33, 1990. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111213/109495> - acesso em 11/12/2021.
- MORETI, Felipe; PEREIRA, Liliane Desgualdo ; GIELOW, Ingrid. *Triagem de Afinação Vocal: Comparação do desempenho de musicistas e não musicistas*. São Paulo:2012. 24(4). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jsbf/a/hRQ3S8MHxzp7rhWfdgWbqBc/abstract/?lang=pt>
- PIERRI, Daniel Calazans. *O perecível e o imperecível: Lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guarani-Mbya*. São Paulo: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1, 2014.
- ROLNIK, Sueli. *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1, 2020.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: Modos e significados*. Brasília: UnB, 2015.

Artigo recebido em 31/10/2021 e aprovado em 13/12/2021.

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

ⁱ Luciana Leandro de Lucena - Atriz / locutora, cantora e pesquisadora vocal. Atualmente desenvolve sua pesquisa junto ao PPGAC / UNIRIO. Suas investigações remetem a práticas corpo-vocais em poéticas decoloniais com perspectiva decolonial e anti-hegemônicas. lucdelucena@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6890065899823595>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7356-2333>

ⁱⁱ This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

